
Reterritorialização das Imagens de Vídeo Monitoramento – da Segurança às Reportagens do Telejornal ESTV 1ª Edição¹

Rafael Paes HENRIQUES²

William de OLIVEIRA³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

As câmeras de videomonitoramento, amplamente espalhadas pelas cidades gerando imagens com a finalidade de segurança urbana, têm realizado uma quantidade de imagens; que passaram a servir, de acordo com o critério de notícia que possuam material para os telejornais. O estudo aqui apresentado se propõe a analisar a mudança de território comunicacional desses vídeos que em sua origem não possuem a finalidade jornalística, para isso serão verificados os critérios de noticiabilidade que existem na utilização das imagens desses dispositivos. Refletiremos sobre a relação entre inovação e empobrecimento na produção de imagens para os telejornais. Nosso recorte será o ESTV 1ª edição da TV Gazeta, afiliada da TV Globo no Espírito Santo.

PALAVRAS-CHAVE: câmera de videomonitoramento; telejornalismo; reterritorialização das imagens de segurança; reportagem de televisão.

AS CÂMERA DE SEGURANÇA: DA VIGILÂNCIA AO TELEJORNALISMO

Com o passar do tempo, as câmeras de vídeo tornaram-se mais populares, permitindo que cinegrafistas amadores contribuíssem na produção de imagens para os telejornais. Não será feita aqui uma defesa corporativa da função do repórter cinematográfico como o único profissional capaz de produzir imagens em vídeo para o jornalismo. Entretanto, com o avanço das câmeras de vídeo, o público passou a participar da produção enviando conteúdo audiovisual para os programas jornalísticos de televisão, sempre subordinados ao crivo dos critérios de noticiabilidade feito pelos jornalistas.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação – em Comunicação e Territorialidades - POSCOM da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, e-mail: rafaelpaesh@gmail.com

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação - em Comunicação e Territorialidades - POSCOM da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, e-mail: wdeoliveira@gmail.com

Essa abertura para o jornalismo colaborativo, acrescenta o olhar do telespectador na cobertura dos fatos e acontecimentos.

No entanto, essa participação interfere no processo, no que se refere às técnicas ou modos de fazer jornalismo tradicional e na qualidade do produto. A iniciativa divide opiniões: para uns, é considerada uma inovação no modo de produzir informação; já para outros, seria a precarização da mídia, no que diz respeito ao uso desses materiais e à sua qualidade (FRAZÃO; BRASIL, 2013, p.114).

Analisaremos aqui os usos das imagens de videomonitoramento dentro do telejornal ESTV 1ª edição, para observar a qualidade das imagens usadas, relação das imagens com o conteúdo noticiado, que tipos de valores/notícias estão em destaque, qual a relação quantitativa desses vídeos na comparação com os produtos feitos por profissionais, dentro do próprio programa.

Uma busca, em português, no Portal de Periódico Capes, dos estudos acerca desse tema, nos últimos cinco anos, com os termos “Câmeras de Videomonitoramento nos Telejornais”, não encontrou nenhum resultado. Para os termos “Câmeras de Vigilância nos Telejornais” encontramos apenas cinco artigos⁴. Esses resultados traduzem um vasto campo a ser explorado.

Os olhares eletrônicos servem de prestadores de serviço nas orientações do tráfego urbano das congestionadas vias públicas das grandes cidades, e por outro lado, servem a busca constante pela audiência: “o universo do jornalismo é um campo, mas que está sob pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência” (BOURDIEU, 1997, p. 77). Para responder a constante pressão pela atração de telespectadores, os veículos recorrem a espetacularização da notícia, por meio do *sensacional* e *espetacular*, esquecendo, entretanto, que por melhor que seja o material que venha de um espectador, cabe ao jornalista, apurar e nortear a veiculação desse conteúdo, tendo sempre os critérios de noticiabilidade como norteador das decisões do que é ou não notícia, feitas pelos jornalistas na redação, respondendo sempre pelos possíveis efeitos e resultados dessas escolhas,

A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o

⁴ Sociedade vigiada: o uso das câmeras de vigilância no telejornal. Cajazeira, Paulo – O apelo realista, Feldaman, Ilana – Televisão e realidade – Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo, Itania, Maria Mota Gomes — Micropoderes, macroviolências – Suzana Varjão.

caráter dramático, trágico. Que palavra grandiloquente... Faz-se o mesmo trabalho com palavras. Com palavras comuns, não se “faz cair o queixo do burguês”, nem do “povo”. É preciso palavras extraordinárias. De fato, paradoxalmente, o mundo da imagem é dominado pela palavra (BOURDIEU, 1997, pp. 25-26).

Atualmente as câmeras de videomonitoramento entraram de maneira definitiva na produção de conteúdo e como narrativas dos diversos telejornais. Muito mais do que um dispositivo de segurança, esses equipamentos, cada vez mais sofisticados, têm servido de informantes eletrônicos que, em muitos casos, podem causar um esvaziamento dos importantes princípios jornalísticos que devem servir de norteador para uma boa prática profissional.

Para Pierre Bourdieu (1997), existe uma banalização da informação pelo imenso poder de difusão da televisão, que não aprofunda no problema em si, tratando os temas tão somente em sua superficialidade.

No campo da Comunicação Social, estudar as imagens geradas pelas câmeras de segurança, inseridas cotidianamente nos telejornais, é um estudo recente, que necessita de observação e análise que respondam às questões ligadas diretamente a relevância da informação e a difusão desse conteúdo na orientação aos consumidores de notícias, a partir dos critérios de *Newsmaking*.

É importante observar também os avanços tecnológicos, a chegada de dispositivos que permitem a produção de imagens por um grande número de pessoas, sem nenhum conhecimento acadêmico ou técnico, além do envio em tempo real, que fez proliferar nas redações das emissoras uma enorme quantidade de imagens de acontecimentos, flagrantes e conteúdo que são, após selecionados pelos editores, veiculados nos telejornais.

A RETERRITORIZAÇÃO DAS IMAGENS GERADAS POR CÂMERAS DE VIDEOMONITORAMENTO

As câmeras de videomonitoramento são uma dessas invenções que ganharam outras utilidades distintas da função inicial para que foram desenvolvidas. Criadas originalmente como controle de patrimônio e vigilância, as imagens produzidas por esses olhares eletrônicos se proliferam nas redes sociais além de comporem material para os telejornais.

Esses circuitos de observação estabelecem um território de produção de imagem. Cabe aqui uma reflexão conceitual, [...] “o território é sempre areal ou zonal e linear ou reticular, o território sendo feito de lugares que são interligados” (HAESBAERT, 2011, p.40). Nessa pesquisa não serão observados os aspectos da área física em que as invisíveis câmeras de videomonitoramento ficam instaladas por diversos pontos das cidades, tão onipresentes que já fazem parte do cotidiano da sociedade. Nossa observação será da experiência do território e para isso cabe também compreender o conceito de territorialidade, por se tratar da relação humana.

A comunicação se apropria de um novo dinamismo social para extrair conteúdo em busca de audiência. Os grupos de mídia buscam sempre a hegemonia da informação, lançam mão de imagens produzidas fora das empresas, sem ônus para as emissoras. Assumem posição no mercado como grandes produtores de conteúdo, usam os flagrantes como matéria prima agregando valor notícia como relevante destaque, uma vez que “todo indivíduo está preso a uma rede de comunicação, da mesma forma que todo grupo e toda a sociedade” (RAFFESTIN, 1983, p. 218). Com isso cabe refletir quanto à interpretação dessas imagens produzidas pelas câmeras de videomonitoramento quando veiculadas nos telejornais, qual exatamente subjetivação esse conteúdo gera no espectador?

Para Raffestin, (1983, pp. 218-219), os meios de comunicação contribuem para uma homogeneização cultural, além de, dependendo da maneira como a mensagem é passada, poderem gerar pânico na população. O perigo na realidade reside na possibilidade, para aqueles que administram e controlam esses meios, de difundir informações cujo caráter chocante pode criar reflexos condicionados, esquemas de comportamento etc.

ESTUDOS DE NOTICIABILIDADE

Iremos contemplar as análises da chegada das câmeras de videomonitoramento na construção da notícia nos telejornais sob os aspectos da prática dos profissionais envolvidos, *gatekeepers*, as etapas, que vão da captação da informação até a veiculação da notícia, as distorções que acontecem nas coberturas jornalísticas, levando em conta os aspectos dos interesses das organizações e a imagem de realidade criada a partir das escolhas das notícias que são veiculadas nos telejornais.

Não é uma tarefa fácil definir o que é ou não notícia, pois existem inúmeros fatores que precisam ser levados em conta na hora de um acontecimento efetivamente virar uma notícia veiculada em uma empresa noticiosa. Os estudos sobre os valores notícia datam de meados do século passado e se renovam a partir das transformações por que passam a sociedade. É preciso refletir sobre o porquê de um fato ou acontecimento ser levado a categoria de notícia e que imagem de mundo irão passar para o público.

É preciso observar a relação que se estabelece entre as organizações jornalísticas e o operador da notícia, o profissional que fará a escolha do que será ou não noticiado. São chefes de redação, redatores, editores, repórteres, jornalistas em diversas funções que possuem seus valores e culturas individuais, pois:

[...] existe um reconhecimento coletivo das responsabilidades específicas que os jornalistas têm no “espaço público”, responsabilidades julgadas essenciais ao funcionamento de todo sistema democrático, responsabilidades que constituem elementos importantes de toda cultura profissional, responsabilidades que estão associadas a toda a mitologia que foi construída ao longo dos séculos (TRAQUINA, 2005, p.35).

Na atividade dos jornalistas é necessário alinhar seus valores culturais ao nível prático, promovendo assim o encontro com a linha editorial do veículo. A negociação entre o profissional de imprensa que possui uma cultura própria e sua maneira de interpretar a notícia, a partir dos interesses corporativos que regem a publicação de uma notícia, provavelmente seja um importante ponto de observação pois, existem restrições e interesses dos grupos de mídia, além da própria rotina de trabalho que limita a abordagem, seja por meio do número de caracteres que será usado ou tempo de televisão ou rádio, são essas rotinas de produção exigem um “conjunto de critérios de relevância que definem noticiabilidade de cada acontecimento” (VIZEU, 2000, p.81).

A notícia surge, assim, a partir da relação entre as convenções culturais inerentes a cada profissional, das relações que se estabelecem entre os diversos atores dentro da redação, da busca pela audiência como base dos interesses corporativos e mercadológicos, além de princípios que envolvem uma rede de critérios de noticiabilidade,

Nesse quadro, o entrelaçamento entre características da organização do trabalho nos aparatos da mídia e elementos da cultura profissional é absolutamente restrito e vinculador, e isso define justamente o conjunto de características que os eventos devem possuir (ou apresentar aos olhos do jornalista) para poder ser transformados em notícia[...] A noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas -, para adquirir a existência pública de notícia. (WOLF, 2003, p. 195).

Ainda por definição epistemológica de noticiabilidade, o *newsmaking*, Wolf (2003) define com um conjunto de elementos dos quais o processo de produção de notícia irá controlar e administrar a valoração que credencia um acontecimento ou fato a se tornar matéria jornalística. De acordo com o autor, esses elementos possuem critérios relativos aos:

<i>Critérios Substantivos</i>	“Articulam-se essencialmente em dois fatores: a importância e o interesse da notícia”.
<i>Critérios relativos ao produto</i>	“A segunda classe de valores/notícia diz respeito à disponibilidade de material e aos caracteres específicos do produto informativo”.
<i>Critérios relativos ao meio</i>	“Geralmente, a quantidade de tempo de transmissão que uma notícia pode ocupar depende menos do argumento que do seu modo de apresentação”.
<i>Critérios relativos ao público</i>	“Estes dizem respeito ao papel que reveste a imagem do público, compartilhada pelos jornalistas”.
<i>Critérios relativos à concorrência</i>	“Segundo Gans, a situação de competição determina três tendências que, por sua vez refletem-se em alguns dos valores/notícia precedentes, reforçando-os”.

A análise que faremos mais a frente trará as teorias de Wolf como base de sustentação teórica, pois compreendemos que esse trabalho se alinha com a sistematização dos critérios de notícia elaborados pelo pesquisador.

É necessário, portanto, ter-se critérios que norteiem o que será ou não notícia, para tanto, faz-se necessário analisar os princípios de noticiabilidade a luz de estudos diversos e já consolidados a fim de sistematização e de se ter clareza sobre todo o processo que envolve a produção de notícia.

O FLAGRANTE DAS CÂMERAS DE VIDEOMONITORAMENTO

Wolton, (2006), define a televisão como um *mass media*, que tem características próprias por ser um espetáculo para um grande público anônimo e diversificado, que recebe uma permanente oferta de imagens de forma constante. Para o pesquisador,

Essas imagens podem ser transmitidas diretamente, gravadas em vídeo ou “estocadas”, e abranger os mais variados domínios, da informação às ficções, do esporte às variedades, dos programas infantis às atualidades religiosas. Elas podem refletir a realidade ou fantasia-la, ou seja, serem totalmente artificiais, existem, portanto, inúmeros gêneros de imagens televisivas, e não há limitação *a priori* quanto ao seu número e gênero (WOLTON, 2006, p. 67).

A constante procura por imagens espetaculares e principalmente os flagrantes, sempre foram perseguidos por profissionais de imagem e com garantia de manchetes dos

telejornais. As câmeras de vigilância surgem como importantes ferramentas para os instantâneos tão perseguidos como notícias/imagens do real, um olhar que vem de fora das redações se impondo às narrativas jornalísticas. Para Bruno (2013) os vídeos com características policialescas, libidinais e jornalísticos enquadram-se na estética do flagrante, que:

Em alguns casos, tal estética do flagrante pende mais para o policial e/ou o jornalístico, buscando cenas de suposto interesse público em tom de denúncia e motivados por uma atitude “cidadã”. Parte do chamado jornalismo “cidadão” e “participativo” nos dá inúmeros exemplos, tanto na Internet quanto na grande mídia, convocando amadores a enviarem as imagens disparadas por suas câmeras. (BRUNO, 2013, p.49).

As imagens de flagrantes só seriam possíveis com uma extrema *sorte*, caso existisse uma câmera que, coincidentemente, estivesse posicionada e aleatoriamente captasse algo inusitado, e são o grande interesse desse estudo. Qual o valor notícia das imagens que diariamente estão nos telejornais e foram produzidas por olhares eletrônicos de maneira involuntária e despreziosa?

De acordo com Manovich (2001) os novos meios na contemporaneidade estão ligados, basicamente, as tecnologias digitais, que a partir da digitalização, dos arquivos feitos por mecanismos de *informática*, surge a possibilidade de produção das imagens manipuladas por softwares, no lugar das antes máquinas de edição analógicas, limitadas no trato com a produção final dos produtos fotográficos e audiovisuais. Além disso, destaca-se a importância da matemática no processo de manipulação dos novos meios, tanto na produção quanto na exibição e armazenamento desses produtos.

Ao longo do tempo, em meados do século XX é desenvolvido um computador moderno que realiza cálculos mais eficientes com dados numéricos e que substitui os numerosos tabuladores e calculadoras mecânicas tão usados por empresa e governos desde a virada do século. Em um movimento paralelo, testemunhamos o surgimento de tecnologias midiáticas modernas que permitem armazenar fotografias, imagens em movimentos, som e sequências de texto, por meio de diferentes materiais, suportes fotográficos, filmes, discos, etc (MANOVICH, 2001, p. 64).

O trabalho de Manovich (2001), marco importante para análise dos novos meios, se consolida 17 anos depois com o que já temos disponível em termos de tecnologia na produção de conteúdo para os novos meios de comunicação em todo o mundo.

A *facilidade* com que a informação circula na contemporaneidade necessita de sistemática observação e realinhamento nos critérios de notícia, pois a assertividade do

que será levado à agenda pública continua sendo a tônica do jornalismo como importante serviço à sociedade.

AS CÂMERAS DE VÍDEO MONITORAMENTO NO ESTV 1ª EDIÇÃO

A definição do termo amostra para análise que será apresentada se deu por usar-se os enfoques quantitativo e o qualitativo combinados (HERSCOVITZ, 2008).

Por se tratar de uma amostra que comporá uma pesquisa mais ampla, foi escolhido aleatoriamente o mês de março de 2018 do telejornal ESTV 1º edição, composto de 27 edições, pois o programa não é exibido aos domingos. Dessas, 14 edições, 51,85%, traziam matérias com imagens de câmera de vigilância e em três edições, foram exibidos dois vídeos. A análise das peças foi realizada na plataforma virtual *GloboPlay*, uma vez que facilitaria a manipulação dos vídeos com a possibilidade de pausa, adiantar ou retroceder a peça jornalística, permitindo uma observação mais detalhada do material.

A partir da escolha de não assistir ao programa em tempo real, descarta-se nessa pesquisa a observação quanto a posição dos vídeos que serão das peças quanto aos blocos do programa, uma vez que o telejornal não fica disponível na íntegra. Com isso, a análise será concentrada na cabeça dos apresentadores, no tempo de duração, na editoria em que o vídeo estará, nas imagens quanto a qualidade, na base da narrativa e na estrutura, se é nota coberta ou reportagem.

O telejornal ESTV 1ª edição tem, em média, 45 minutos de duração, incluindo aí os três intervalos comerciais com cerca de dois minutos cada, perfazendo um total de quatro bloco. Entra no ar de segunda a sábado às 12h e aborda temas variados. É o segundo telejornal do dia a ser exibido na TV Gazeta, afiliada da TV Globo.

Na pesquisa aqui apresentada verificou-se que em média as matérias, em que existiam imagens de câmeras de videomonitoramento, ocuparam cerca de um minuto, quando são notas cobertas.

Os vídeos foram categorizados conforme as incidências dos assuntos relacionados a inserção das imagens de câmera de videomonitoramento nas peças jornalísticas. Não foi observada nenhuma peça jornalística com imagens de câmeras de vigilância fora dessas categorias:

I. Trânsito (quando referidas a qualquer tipo de matéria ou nota coberta sobre o assunto, a exceção de monitoramento em tempo real, que ocorre nas passagens de bloco);

II. Assalto/Roubo (imagens gravadas por câmeras de segurança da ação no momento do acontecimento);

III. Furto (quando não há violência);

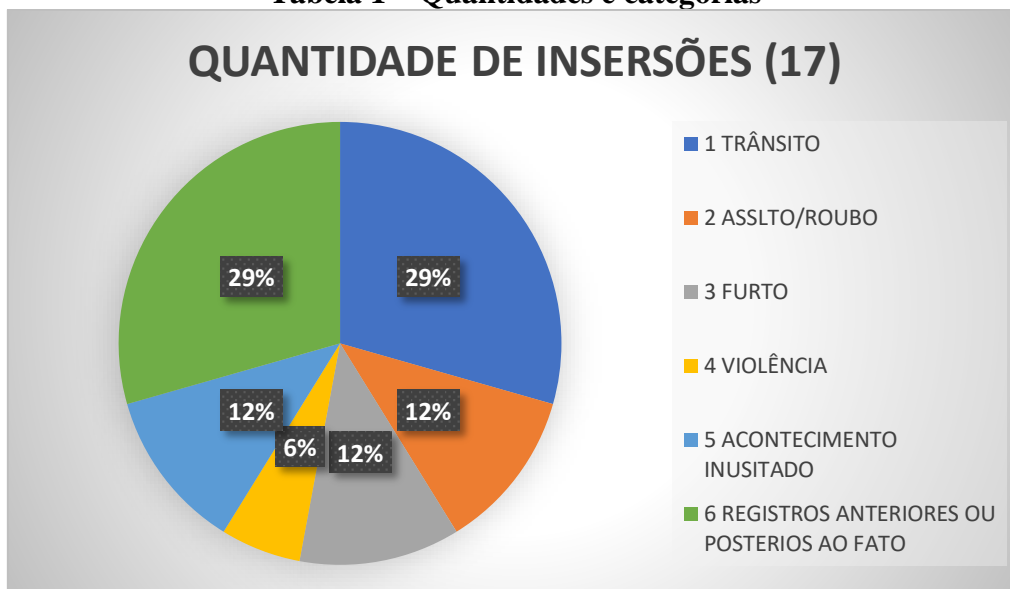
IV. Violência (imagens de agressões, não enquadradas como assalto ou furto);

V. Acontecimento Inusitado (fatos que só com muita sorte seriam gravados por um cinegrafista);

VI. Registros anteriores ou posteriores ao fato (não são flagrantes).

Abaixo tabela ilustrativa com a quantidade de vídeos que utilizaram as imagens de câmera de segurança distribuídas de acordo com cada categoria temática definida:

Tabela 1 – Quantidades e categorias



Fonte: Levantamento realizado para este artigo.

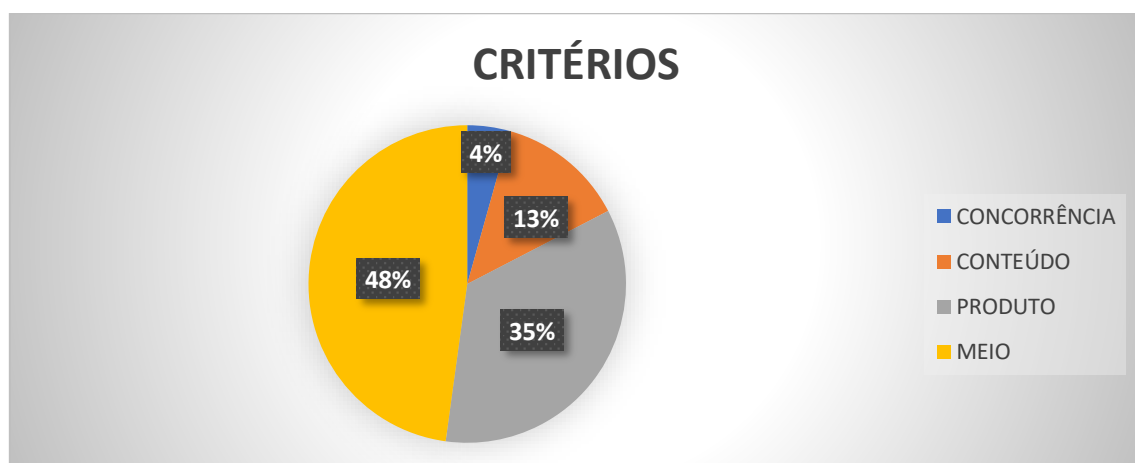
Tabela 2 – Tipo de VT, conteúdo e critério de noticiabilidade

TIPO DE VT/DATA	Categoria	Conteúdo/Tempo/Editoria	Critérios de Noticiabilidade ⁵
01/03/2018	IV	Mulher é baleada quando chegava ao trabalho na Av. Marechal Campos em Vitória - tempo: 53'' – Polícia	Relativo à concorrência
05/03/2018	I	Familiares autorizam doação de órgãos de menina que morreu atropelada no ES - tempo: 2' – Geral - Reportagem	Relativo ao conteúdo – história de interesse humano.
06/03/2018	I	Acidentes no cruzamento do bairro Industrial preocupam moradores e motoristas – tempo: 3'46'' – Geral - Reportagem	Relativo ao Produto (quanto mais insólito o fato, melhor a notícia) e ao Meio (material visual)
06/03/2018	V	Reboque se desprende de camionete e atinge ponto de ônibus na Serra, ES - tempo: 1'25'' – Geral - NC	Relativo ao Produto (quanto mais insólito o fato, melhor a notícia) e

⁵ Com relação ao uso das imagens de câmera de videomonitoramento, critérios substantivos, relativos ao produto, ao meio e à concorrência (WOF, 2003).

			ao Meio (material visual)
07/03/2018	II	Três jovens assaltam loja em frente à Prefeitura de Iúna – tempo: 1’ 01’’ - Polícia - NC	Relativo ao Meio
08/03/2018	I	Cruzamento em Vila Velha tem oito acidentes em três meses – tempo: 2’45’’ – Geral. NC – 1’40 imagem VM	Relativo ao Produto (quanto mais insólito o fato, melhor a notícia)
09/03/2018	I	Cruzamento em Vila Velha tem nove acidentes em três meses - tempo: 7’13 – Geral – NC e Ao Vivo e Reportagem. Bloco 01	Relativo ao Produto (quanto mais insólito o fato, melhor a notícia), e ao Meio (material visual)
12/03/2018	VI	Motorista de aplicativo vítima de latrocínio em Vitória é enterrado. – tempo: 4’41’’ – polícia – reportagem.	Relativos ao Produto e Meio
12/03/2018	III	Criminosos arrombam três lojas em Laranjeiras, na Serra – tempo: 3’54’’ – polícia - reportagem	Relativo ao Meio
14/03/2018	VI	Moradores investem R\$ 70 mil em segurança no Morro do Moreno – tempo: 4’50 – Geral - Reportagem	Relativo ao Conteúdo
16/03/2018	III	Loja de suplementos é arrombada durante a madrugada em Jardim Camburi – tempo: 1’33’’ – Polícia. Reportagem	Relativo ao Meio
19/03/2018	VI	Professora encontrada morta no ES foi espancada e assassinada por marido, aponta inquérito – tempo: 3’43 - Geral - reportagem	Relativo ao Produto e ao Meio
19/03/2018	I	Câmeras começam a fiscalizar e multar motoristas em Vila Velha, ES – 6’08’’ - Geral - reportagem.	Relativo ao Conteúdo
22/03/2018	II	Vídeo mostra assalto no meio da tarde em Jardim da Penha, Vitória – tempo: 2’33 - Polícia	Relativo ao Meio
23/03/2018	VI	Polícia identifica envolvidos na morte de motorista de aplicativo em Vitória – tempo: 1’06’’ - Polícia	Relativos ao Produto e Meio
24/03/2018	VI	Suspeito de matar motorista de aplicativo em Vitória se entrega à polícia - tempo: 2’04’’ - Polícia	Relativos ao Produto e Meio
27/03/2018	V	Sem noção: mulher deixa cachorro evacuar na rua, em Vitória – tempo: 2’04’’ – geral (sem noção) - NC -	Relativos ao Produto e Meio

Fonte: Levantamento realizado para este artigo.



ANÁLISE DOS PRODUTOS

Já no primeiro dia do mês, uma nota coberta⁶ abre a análise das peças com imagens de câmera de videomonitoramento, em que uma mulher é baleada quando chegava ao trabalho em Vitória. Nas imagens, com quatro segundos de duração, não é possível ver com nitidez, um círculo vermelho é colocado para chamar a atenção do telespectador. O conteúdo tem baixa qualidade e, assistido em tempo real, é muito difícil perceber o homem atirando na mulher.

Importante observar que a vítima não tem o nome citado, é sempre chamada de *mulher* ou *funcionária*, já que o fato aconteceu em frente ao supermercado em que trabalhava. Uma nota que não amplia a discussão para a violência contra a mulher ou mesmo apura as consequências sofridas pela vítima do tiro. Em função do exposto pela pesquisa, essa nota coberta é veiculada tendo como noticiabilidade o critério relativo à concorrência, pela preocupação da disputa pela audiência do horário, tendo em vista o pouco conteúdo existente na notícia. Por representar apenas 5,88% não há evidência de que o telejornal se enquadre no critério de programa sensacionalista.



Com relação a categoria trânsito, empatada com registros anteriores ou posteriores ao fato, com 29,41% cada, somando 58,82% do total de vídeos, iremos observar que das cinco matérias, duas estão ligadas ao critério relativo ao conteúdo e três ao produto (quanto mais insólito o fato, melhor a notícia), e ao Meio (material visual). A reportagem do dia cinco de março – *Familiares autorizam doação de órgãos de menina que morreu atropelada* enquadra-se em *Interesse* – define-se pela história de interesse humano, Wolf, 2003. Até porque as imagens estão com qualidade muito baixa não proporcionando nitidez para o telespectador que assiste uma única vez. Não fosse a relevância do fato, levando em conta a morte da menina atropelada, as imagens teriam pouca importância enquanto notícia, foram usados apenas 21 segundos dos dois minutos e três segundos da reportagem.

⁶ Notícia de televisão em que as imagens são narradas pelo próprio apresentador (a). Nota do autor.



Já a reportagem – Câmeras começam a fiscalizar e multar motoristas em Vila Velha, ES – que faz parte também da categoria *conteúdo*, pois destaca-se pela importância, nesse caso define-se pelo número de pessoas envolvidas, (WOLF, 2003). A reportagem usa as próprias câmeras de videomonitoramento na estrutura do vídeo, serve inclusive para gravar a passagem do repórter saído assim da narrativa tradicional do flagrante e funcionando como uma ferramenta adicional na produção da notícia, uma espécie de *segunda câmera*.



Quanto as reportagens, são construídas com imagens de contínuos acidentes com muitas imagens, em geral de relativa boa qualidade, apresentam o viés do flagrante enquadrando-se como – relativo ao produto (quanto mais insólito o fato, melhor a notícia), e ao meio (material visual), pois exercem um forte apelo ao produto visual apresentado.



Quando a categoria é – *registros anteriores ou posteriores ao fato*, somente a – “Moradores investem R\$ 70 mil em segurança no Morro do Moreno”, possui critério de *conteúdo*, em função do número de pessoas alcançadas. Essa reportagem também é estruturada tendo as imagens das câmeras de videomonitoramento como acessórias na produção das

imagens, uma vez que a repórter usa algumas imagens dessas câmeras para fazer a passagem de vídeo, mas uma vez uma *segunda câmera* em apoio à reportagem. Embora o assunto esteja ligado a segurança dos moradores, a matéria não se encaixa na editoria de polícia.



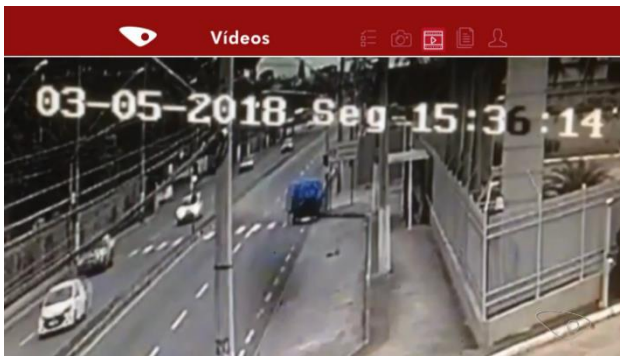
Já as outras quatro matérias nessa categoria estão ligadas diretamente a violência urbana, três possuem relação com o mesmo crime, o assassinato de um motorista de aplicativo, uma como imagem da professora assassinada tendo o marido como suspeito. Em função disso se enquadram quanto ao valor/notícia como *relativos ao produto e meio*, uma vez que não existe flagrantes dos crimes destacados nas matérias e as imagens são ilustrativas sem conteúdo relevante para a notícia.

As categorias *Assalto e Furto*, empatadas, causaram uma surpresa ao pesquisador, pois empiricamente achava-se que esses seriam os registros mais frequentes, o que para essa amostra, não se confirmou. Todavia esses registros são os que mais se encaixam aos valores/notícias *relativo ao meio*, que está relacionado ao bom material visual, não necessariamente aos aspectos técnicos, mas que ilustrem “[...] os pontos de destaque [...]” do fato noticiado (WOLF, p. 219, 2003), é o tão almejado flagrante perseguido por diversos jornalistas, que agora emerge da participação do telespectador.



A categoria acontecimento inusitado, quanto ao uso das câmeras de videomonitoramento, foi outro ponto desmistificado nessa pesquisa, pois apenas duas

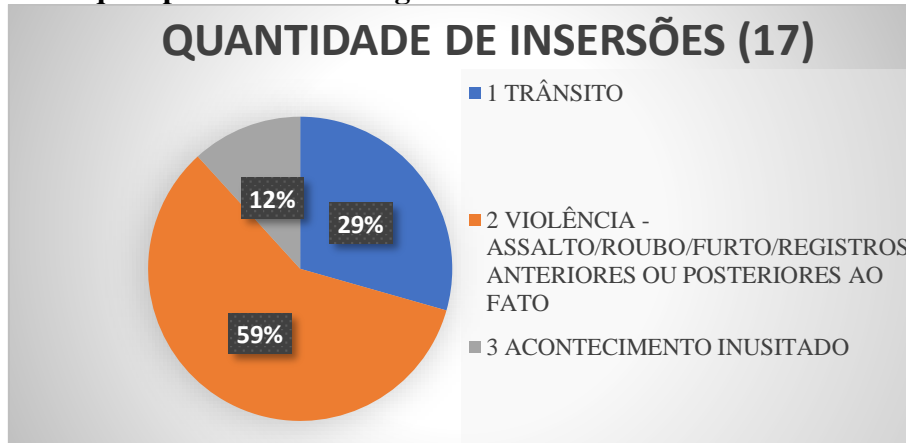
notas cobertas se enquadraram nessa categoria na amostra aqui apresentada. O inusitado desprendimento de um reboque que atinge um ponto de ônibus e uma moradora que deixa seu cachorro sujar o portão de um morador e vai embora sem recolher a sujeira do animal. Cenas que só com muita sorte seriam captadas pelas lentes de um cinegrafista profissional, diria até de um amador. Nesse ponto, as câmeras de videomonitoramento destacam-se na contribuição com imagens para os telejornais, todavia só representaram 11.76% do total de vídeos veiculados nas 27 edições do programa.



Cabe aqui uma importante reflexão sobre o uso das câmeras de videomonitoramento e sobre a relação das narrativas ligadas à violência urbana. Caso somássemos à categoria *violência, os itens* – Assalto/Roubo, Furto, Registros anteriores ou posteriores ao fato (quando nesses houvesse violência) assim ficaria a análise:

Tabela 3 – Outra classificação

Vídeos que apresentaram imagens de câmera de videomonitoramento



Fonte: Levantamento realizado para este artigo.

Com essa nova classificação, seria verificado que as imagens geradas por câmera de videomonitoramento, em 58,82% dos casos, estão ligadas a violência urbana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora seja este estudo uma mostra que comporá uma análise mais ampla dentro de técnicas de amostragem que ampliem os resultados aqui apresentados, consideramos uma importante observação nos usos das imagens de videomonitoramento nos telejornais. Alguns dados geram surpresa, pois mesmo as imagens das câmeras de vigilância apresentem a violência como conteúdo principal das imagens veiculadas no telejornal, os flagrantes, que seriam, empiricamente, o destaque nesses produtos não se confirmaram.

Com relação a qualidade das imagens nota-se que existe ainda vídeos com baixa qualidade, sendo necessários recurso de edição para apoiar a informação, pois sem esse auxílio a peça apresentada poderia gerar uma dúvida quanto a importância do uso deste na composição das reportagens.

Por fim é preciso ressaltar que, embora aberto à participação que vem extra redação, sempre se faz necessário a mediação do jornalista na utilização das imagens de videomonitoramento, como sendo o organizador do conteúdo que será veiculado e o responsável pela notícia dentro dos critérios que norteiam o principal produto do jornalismo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. P.; AZEVEDO, S. Imagens cedidas e a narrativa jornalística na TV: o telejornalismo apócrifo e a dupla performance. **Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)**. São Luiz: 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRUNO, Fernanda. **Máquina de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sauina, 2013.
- MANOVICH, Lev. **O que é visualização?** Estudos de Jornalismo e Mídia – janeiro a junho – Vol.8 nº I – janeiro a junho de 2011.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática S.A., 1983.
- FRAZÃO, S. M.; BRASIL, A. **A participação do telespectador na produção da notícia em telejornal: transformação do processo noticioso e da rotina profissional**. Brazilian Journalism Research, v. 9, n. 2, p. 112-129, 2013.
- HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização – Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade Interpretativa internacional**. Florianópolis: Insular, 2004.
- VIZEU, A. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2014.
- WOLF, M. **Teorias da comunicação de massa**. Martins Fontes, 2003.
- WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2010.